

MUSEU DA MARÉ: MUSEOLOGIA A PARTIR DA FAVELA¹

A favela da Maré compreende um conjunto de 17 comunidades² onde moram cerca de 140 mil pessoas. A região margeia a Baía de Guanabara e está localizada entre importantes vias rodoviárias que cortam a cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Linha Vermelha, Linha Amarela e Transcarioca. Essa área se estende paralelamente à pista de subida da Avenida Brasil (sentido Zona Oeste da cidade), desde a FIOCRUZ (antigo prédio do Ministério da Saúde) - passando pela entrada para o Aeroporto Internacional do Galeão - até o bairro da Penha.

A região da Maré, assim chamada por causa dos mangues e praias que dominavam sua paisagem, foi sendo ocupada desde o período colonial, quando exerceu preponderante papel econômico, seja por nela existirem dois portos³ por onde era escoada a produção das fazendas locais, seja por ter alimentado com seus mangues, os engenhos de cana de açúcar e as olarias que ali se instalaram.

Durante a primeira gestão do Prefeito César Maia⁴, foi criado o *bairro da Maré* por meio da Lei Municipal nº 2.119, de 19 de janeiro de 1994, publicada em Diário Oficial de 24 de janeiro do mesmo ano. Tendo sido alvo de inúmeros projetos governamentais e de acordo com diversos interesses políticos, a Maré, até então considerada como favela, passou a ser tratada pelo poder público como área totalmente urbanizada, condição esta que viabilizou a criação do bairro. Mas, desde sua origem, a existência do bairro da Maré não foi reconhecida pela maioria

¹ Cláudia Rose Ribeiro da Silva nasceu na Baixa do Sapateiro, uma das comunidades da favela da Maré, no Rio de Janeiro, Brasil. Entre 2009 e 2011, foi chefe do Núcleo de Museologia Social do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). É graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/FGV-RJ; e professora de História da Rede Pública do município do Rio de Janeiro. É fundadora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM e do Museu da Maré (claudiarose.ribeiro@gmail.com).

² Cada comunidade do bairro é representada por uma associação de moradores. O Censo Maré 2000, realizado pela ong Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré- CEASM, considerou *Salsa e Merengue e Mandacaru*, como comunidades, apesar de não haver associação de moradores nesses lugares (sua representação está vinculada às associações da Vila do Pinheiro e de Marcílio Dias, respectivamente). Dessa forma, contabilizou-se um total de 17 comunidades: Conjunto Esperança, Vila do João, Vila do Pinheiro, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Marcílio Dias e Mandacaru.

³ Portos de Inhaúma e de Maria Angu.

⁴ Político carioca, nascido em 1945, no bairro da Tijuca. Iniciou sua carreira política em 1983, no Partido Democrático Trabalhista (PDT), pelo qual foi eleito prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL), em 1996. Por esse partido foi eleito para a segunda gestão da Prefeitura (2001-2004), e reeleito em primeiro turno para sua terceira gestão (2005-2008).

dos moradores, que prefere se identificar com os bairros vizinhos à região: Bonsucesso, Manguinhos, Ramos ou Penha.

É evidente que os diferentes processos de ocupação das 17 comunidades; a violência do tráfico de drogas e da polícia; e as inúmeras intervenções realizadas pelo poder público na geografia da região, são fatores que geraram obstáculos para que as diferentes identidades e as inúmeras memórias dos moradores pudessem encontrar ancoradouro no bairro criado. No entanto, esses fatores também podem ser percebidos, ainda que em graus diversos, na maior parte das regiões da cidade tradicionalmente reconhecidas como bairros, o que não impediu a seus moradores desenvolver identidade com o lugar.

Mas, ao contrário desses outros espaços, concebidos como partes integrantes da cidade, o bairro da Maré foi criado a partir da favela, espaço historicamente associado a tudo o que se opõe à vida urbana. A subjetividade, as memórias e o cotidiano dos moradores da região são marcados por esse estigma, que também permanece profundamente arraigado em pessoas de outros lugares do país.

O CEASM

Nesse contexto, um grupo de moradores da Maré se reuniu para criar a organização não governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM. Fundado em 1997, o CEASM atua no sentido de constituir memórias coletivas em torno do bairro. Um dos motivos da importância de tal instituição, é justamente o fato de ter sido criada por moradores que, tendo alcançado formação universitária e estabilidade profissional, atuavam em movimentos coletivos na Maré. A inserção desses agentes sociais no espaço local, e a identidade que eles desenvolveram com o lugar, foram fatores que contribuíram para tornar o CEASM uma experiência singular.

A insistência do CEASM em utilizar a ideia de bairro para se referir e atuar na Maré, apesar da falta de identidade por parte da maioria dos moradores em relação a essa ideia, é de relevante importância. O CEASM é uma ONG que atua de dentro para fora. Partindo do local para o global, busca contribuir para transformar a Maré e a cidade. Para atingir seus objetivos, o CEASM se apropriou do bairro (instituído de cima para baixo, a partir de decreto municipal)

de forma estratégica para trabalhar o sentido de pertencimento do morador ao local em que vive.

No entanto, o trabalho de transformação dos olhares estigmatizantes sobre a Maré é um desafio constante que nem sempre é reconhecido, podendo ser apreendido e deturpado por interpretações preconceituosas. Por isso, o CEASM desenvolve projetos que buscam contribuir para a superação dos preconceitos, indo na contramão das representações dominantes sobre as favelas.

O MUSEU

Um dos primeiros projetos desenvolvidos pelo CEASM foi a *Rede Memória da Maré*, que objetivava preservar a história local e contribuir para a criação do sentido de pertencimento dos moradores ao bairro. O projeto produziu um texto ilustrado sobre a história da Maré. Seu autor, Antônio Carlos Pinto Vieira, é um dos fundadores do CEASM. O texto ordena cronologicamente os fatos históricos ocorridos na região e na cidade, desde o período colonial até o final da década de 1990. Dessa forma, Antônio Carlos escreveu a primeira versão da história da Maré e, principalmente, criou uma identidade comum entre as diversas comunidades que se formaram ao longo da Avenida Brasil, a partir da década de 1940.

O texto sobre a história da Maré compõe o acervo do arquivo criado pela Rede Memória com o objetivo de abrigar variadas fontes sobre a história local: fotografias, mapas, hemeroteca, documentos produzidos pelo poder público, documentos particulares doados por moradores, trabalhos acadêmicos etc.

Desde sua inauguração, em 27 de abril de 2002, o arquivo *Dona Orosina Vieira*⁵ (ADOV) já recebeu vários visitantes. Alguns, para conhecer; outros, para ver fotos antigas e “matar” a saudade do passado; e muitos, para pesquisar. Grande parte das pesquisas é realizada por professores e alunos das escolas públicas locais e por participantes das várias instituições locais. Nos registros do arquivo consta também um número considerável de consultas feitas por pesquisadores ligados a diversas instituições da cidade, tais como UNIRIO, CPDOC, UFRJ, FIOCRUZ, UFRJ e outras.

⁵ Uma das primeiras moradoras do Morro do Timbau, comunidade mais antiga da Maré. Dona Orosina era migrante de Minas Gerais, mulher negra, viúva, parteira e benzedeira.

Grande parte do acervo do ADOV é constituído por fotografias, que retratam diferentes aspectos e períodos da história local, incluindo fotos do início do século XX, de autoria do conhecido fotógrafo Augusto Malta. Esse acervo iconográfico foi, em parte, reproduzido e ampliado para compor várias exposições sobre a história da Maré. As exposições são apresentadas em espaços públicos locais, como escolas e praças. A Rede Memória também realizou exposições em lugares fora da Maré, como por exemplo, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), Flamengo; no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, Centro do Rio; no Instituto de Educação da UFF, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), e no Centro Cultural do Tribunal de Contas do Estado, os três em Niterói.

O trabalho da Rede Memória obteve reconhecimento nacional em 2005, ao receber o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, oferecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Tal premiação é conferida a pessoas ou instituições que desenvolvem ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro. O IPHAN selecionou sete iniciativas em todo o Brasil, tendo sido a Rede Memória premiada na categoria de *salvaguarda de bens de natureza imaterial*.

Antes disso, em 2004, a Rede Memória realizou a exposição *A Força da Maré*, no Museu da República, localizado no bairro do Catete. Para a montagem da exposição, a equipe da Rede Memória pediu alguns objetos emprestados aos moradores, que ao término não os aceitaram de volta, pois disseram querer ver na Maré o que foi feito no Museu da República.

A Força da Maré foi um divisor de águas no trabalho desenvolvido pela Rede Memória. Ainda no final de 2004, a equipe do projeto participou do primeiro edital do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura (MINC) para seleção dos Pontos de Cultura. O projeto foi selecionado com o título *Museu da Maré* e previa a instalação de uma exposição de longa duração sobre a vida das pessoas que resistiram e lutaram para construir sua história naquele lugar. A partir desse momento, a Rede Memória deixou de existir para dar lugar ao Museu da Maré.

A inauguração do Museu ocorreu no dia 8 de maio de 2006, durante o lançamento da *4ª Semana Nacional de Museus*. O evento contou com as presenças do então ministro Gilberto Gil, outros membros do MINC, além de representantes de vários museus e Pontos de Cultura da cidade do Rio.

Logo após sua inauguração, o Museu da Maré concorreu à seleção da primeira edição do *Prêmio Cultura Viva*, oferecido pelo MINC. Dentre 1.532 iniciativas inscritas em todo o

Brasil, o museu foi um dos 30 projetos semifinalistas, tendo sido o 2º colocado na categoria *Tecnologia Sociocultural*.

Ainda em novembro de 2006, o Museu foi agraciado com a *Ordem do Mérito Cultural*, a mais alta premiação da cultura no país, que tem o objetivo de tornar público o empenho de pessoas e instituições que, de maneira significativa, trabalham pela valorização da cultura brasileira.

O Museu da Maré nasceu do desejo de muitos moradores e moradoras, que sonharam e agiram para que suas memórias e histórias fossem preservadas. O projeto do Museu também é fruto da parceria entre pessoas, grupos e instituições de diferentes lugares, o que favoreceu o diálogo, a valorização da diversidade, a troca de diferentes saberes e transformando o espaço em uma referência cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Politicamente, o Museu trabalha para a superação dos estigmas em relação às favelas, além de colaborar com o processo de alargamento da perspectiva do papel dos museus na realidade contemporânea. O museu não é lugar para guardar objetos ou cultivar o passado. Ele é lugar de vida e, por isso mesmo, lugar de conflitos e diálogo. Dessa forma, para os construtores do projeto de memória do CEASM, o Museu é concebido enquanto instrumento de transformação social.

A PROPOSTA MUSEOGRÁFICA DO MUSEU DA MARÉ

Desde o início da concepção do Museu, o diálogo, a valorização da diversidade, as trocas de saberes e fazeres alicerçam todas as ações empreendidas pelos agentes sociais que atuam na construção e manutenção desse espaço cultural da cidade. O Museu é um espaço aberto às ações desenvolvidas pela comunidade e por grupos e pessoas de outras localidades. Atualmente, os projetos desenvolvidos atendem cerca de 400 pessoas. As escolas públicas do entorno são as principais parceiras do Museu.

O eixo central dos projetos desenvolvidos pelo Museu é a sua exposição de longa duração *Os Tempos da Maré*, que já recebeu mais de 50 mil visitantes. Na exposição tudo é mutável. Passado, presente e futuro convivem nos “tempos” da água, da casa, da migração, do trabalho etc. São 12 temas apresentados como em um grande calendário cuja museografia foi

construída a partir da realidade local. Os temas foram escolhidos respeitando-se os percursos históricos e afetivos da Maré. Mas, ao mesmo tempo, eles são temas arquetípos, pois dialogam com as mais diferentes realidades. Criança, fé, medo, são temas primordiais presentes em toda a trajetória humana.

O acervo da exposição de longa duração é fruto de pesquisas realizadas em arquivos públicos da cidade e de doações feitas por moradores que, além de objetos pessoais, também concedem depoimentos de suas histórias de vida. Os objetos e imagens são expostos em grandes painéis. O conjunto valoriza cada peça e faz homenagem às manifestações populares trazendo o colorido dos Cordões de Carnaval, Folia de Reis, Maracatu, Cortejos etc. O mais interessante é a resposta dada pela comunidade, que se entusiasma com a ideia de se vê representada no Museu e de se expressar para a cidade por meio de tal narrativa museográfica.

A EXPOGRAFIA DOS TEMPOS DA MARÉ

Ao entrar na exposição de longa duração, o visitante encontra um grande painel cor de laranja com o texto de boas-vindas. A cor faz referência ao local de origem da maioria dos primeiros moradores da Maré. Eles vieram do interior de vários estados do Nordeste brasileiro, regiões áridas e secas, em sua maioria. O laranja lembra a terra e o barro daqueles lugares. Logo em seguida, à esquerda da exposição, o visitante pode perceber o espaço de memória da fábrica, lembrando que o imóvel, antes de ser museu, foi uma fábrica da indústria naval, onde eram produzidas peças para navios.

Mais à frente, o visitante se depara com o primeiro módulo da exposição chamado de *Tempo da Água*. Os diferentes tons de azul são uma alusão à Baía de Guanabara. Este primeiro módulo expõe as transformações ocorridas na Baía, desde a década de 1920, e os impactos no meio ambiente provocados pelas grandes obras realizadas pelo poder público: construção da avenida Brasil (1946); aterros que integraram 8 ilhas, criando a ilha do Fundão para abrigar a Universidade Federal do Rio de Janeiro (1953); instalação da Refinaria de Petróleo de

Manguinhos (1954); Projeto Rio, que aterrou parte da Baía de Guanabara e criou novas comunidades no território da Maré (1980)⁶.

A narrativa expográfica apresentada no Tempo da Água revela os impactos negativos sobre a Baía de Guanabara das intervenções empreendidas pelo poder público ao longo de várias décadas, e principalmente a construção da Refinaria de Manguinhos, revelando a fragilidade de inúmeros discursos conservadores, que culpabilizam os moradores pela poluição das águas da Baía.

O objeto de destaque no Tempo da Água é o *rola-rola*: utensílio produzido pelos moradores, a partir de um barril de madeira e restos de pneu, que era utilizado para carregar água, pois as casas não possuíam água encanada.

Em seguida, o visitante encontra o *Tempo da Migração*. Este módulo expositivo faz homenagem aos nordestinos que, a partir da década de 1940, migraram para o Rio de Janeiro com o objetivo de trabalhar nas grandes obras que estavam acontecendo na cidade, principalmente a construção da Avenida Brasil. Aqui, algumas paredes com vários objetos do dia a dia das famílias nordestinas reproduzem a técnica de construção antiga chamada de pau a pique, que entrelaçava madeiras (geralmente bambus) fixadas ao chão, com outras colocadas na posição horizontal e amarradas entre si por cipós, formando um grande painel cujos vãos eram preenchidos com barro.

Neste módulo, o destaque são as garrafas, com diferentes formas e tamanhos, que contêm terras das cidades natais dos primeiros nordestinos que vieram para a Maré. Mas também, as garrafas são um convite para que os visitantes do Museu, independentemente de serem nordestinos, doem terras de suas cidades natais para compor a exposição.

⁶ Em junho de 1979, o Ministério do Interior, por meio do então Ministro Mário Andreazza, anunciou a realização de um projeto muito semelhante ao que Chagas Freitas apresentara: o Projeto Rio. Tal projeto se constituiu numa das primeiras propostas de ação do presidente João Batista Figueiredo, tendo sido bastante oportuno para um momento em que se desenhava a abertura política e se anunciava o fim dos governos militares. No centro do projeto estavam o fortalecimento da ação social do governo Figueiredo, sua aproximação das camadas mais pobres, e eventual candidatura do Ministro Mário Andreazza para as eleições presidenciais. O projeto apresentava como objetivos centrais a criação de espaços para abrigar populações de baixa renda, e o estabelecimento de condições para ambientação ecológica e paisagística do trecho mais poluído da Baía de Guanabara. A fase inicial, denominada Prioritária, previa a remoção dos habitantes das favelas para conjuntos habitacionais, o que gerou grande reação dos moradores, não tendo sido por isso implementada, limitando-se à erradicação das áreas palafitadas e à construção de dois conjuntos de casas populares: Vila do João e Conjunto Esperança.

O próximo módulo expositivo recebeu o nome de *Tempo da Casa*. Nele, a peça principal é o barraco sobre palafitas construído em tamanho natural. Por meio de uma escada, o visitante tem acesso ao interior do barraco, onde é reproduzida a forma como muitas pessoas viveram na Maré, entre as décadas de 1950 e 1980.

Presentes em todos os continentes, principalmente nas zonas tropicais do planeta, as palafitas são construções utilizadas em regiões alagadiças. Na Maré, elas foram construídas pelos moradores sobre as águas da Baía de Guanabara. Durante a década de 1980, os barracos foram removidos pelo governo federal para a realização do Projeto Rio, que aterrou grande área da Baía e promoveu a construção de casas populares para aqueles que moravam sobre as palafitas.

Após sair do barraco, o visitante encontra dois tempos dispostos um de frente para o outro: *Tempo do Trabalho e Tempo da Resistência*. A narrativa expográfica destes módulos propõe a reflexão sobre a importância do trabalho e da resistência para a permanente construção do território da Maré. As imagens deste espaço estão relacionadas às lutas contra as ameaças de remoção e violência policial. Também podemos ver fotografias de mutirões de trabalhadores construindo casas, as redes elétricas e os sistemas de água e esgoto.

O destaque deste tempo é o gravador (de áudio analógico) utilizado pelas lideranças das associações de moradores para registrar os discursos dos políticos cobrar, posteriormente, a realização de tudo o que tinha sido prometido pelo poder público.

No sexto módulo da exposição, o visitante entra no *Tempo da Festa*. A construção diária do território da Maré não seria possível sem o trabalho e a resistência de seus moradores. Mas, com certeza, a festa é elemento inseparável da luta daqueles que constroem este lugar. Sem a possibilidade de celebrar as conquistas coletivas e individuais, de grupos e famílias, seria impossível pensar a Maré! Neste módulo, várias fotografias de diferentes épocas retratam a importância das festas e do lazer para as pessoas que moram aqui.

O objeto que se destaca no Tempo da Festa é a bandeira do bloco carnavalesco *Mataram Meu Gato*. Hoje, o bloco é uma escola de samba e sua sede está localizada na comunidade da Nova Holanda.

Ao chegar neste ponto do percurso expositivo, o visitante é convidado a conhecer o *Tempo da Feira*. Existem feiras livres em quase todas as 17 comunidades que formam a Favela da Maré. As feiras são lugares onde os moradores compram produtos mais frescos e, muitas

vezes, mais baratos do que nos supermercados. Mas também, elas são espaços de geração de renda, de encontro e convívio entre as pessoas.

Aqui, destacamos as balanças antigas, que utilizavam pesos de metal, bem diferentes das balanças digitais atuais. Também estão neste módulo quatro instalações relacionadas a atividades comerciais de moradores, que doaram objetos pessoais utilizados em seus ofícios: senhor Atanásio, alfaiate; senhor Bento, sapateiro; senhor Joaquim e senhor Antônio, barbeiros. A família do senhor Francisco nos doou os objetos de sua *tendinha* (pequeno comércio). Seu Francisco, avô da vereadora Marielle Franco, era nordestino e morava na Baixa do Sapateiro, onde criou sua família. Ele costumava vender *fiado* e, muitas vezes, “esquecia” de cobrar das pessoas que passavam por dificuldades financeiras. Nesta instalação, estão expostas algumas anotações daquelas dívidas nunca cobradas.

Em seguida, o visitante entra no *Tempo do Cotidiano*, que faz referência às mudanças que ocorreram durante o processo de ocupação do território e que foram, gradualmente, transformando a Maré. Atualmente, quase todas as casas são feitas de tijolos (alvenaria), que substituíram as construções de madeira. A proposta do Tempo do Cotidiano é conduzir o visitante pelos becos e ruas estreitas das comunidades, para que ele observe as fachadas das casas, suas portas e janelas. Por isso, neste módulo, uma parede foi erguida de forma irregular, tendo seus tijolos à mostra, com portas e janelas abertas, seguindo as referências das construções locais.

No módulo do *Tempo da Fé* há um espaço reservado às religiões de matriz africana. Este espaço possui maiores referências da Umbanda (religião nascida no Brasil, no final do século XIX, que sincretiza elementos das religiões cristãs, indígenas e africanas). Os terreiros onde essas religiões são praticadas quase não existem mais na Maré e em outras favelas do Rio. Por isso, este módulo também simboliza a resistência das pessoas pelo direito de manterem seus lugares de culto.

Ainda no Tempo da Fé, vemos um grande painel, que mistura as mais diversas manifestações da religiosidade dos moradores da Maré e da cidade do Rio de Janeiro. O visitante é levado a olhar para o alto, como em sinal de reverência.

No piso deste espaço, estão colocados o barco e a imagem de São Pedro, o santo padroeiro dos pescadores, sempre presente nas antigas procissões marítimas, realizadas na

região antes dos aterros. Os dois objetos foram doados pela família Jaqueta, que tinha a tradição do trabalho na atividade da pesca.

No *Tempo da Criança*, os brinquedos e as brincadeiras estão presentes nos objetos e no texto colorido e lúdico. As vitrines foram colocadas no piso, fazendo referência às várias brincadeiras que são praticadas no chão, como o jogo de bola de gude e a amarelinha. Algumas fotografias estão delicadamente fixadas abaixo da linha de visão dos adultos, levando o visitante a observar o espaço pelo olhar da criança.

No 11º módulo, o visitante encontra o *Tempo do Medo*, onde é levado a confrontar-se com vários medos que nos intimidam. A solidão, a doença, o desemprego são alguns medos que fazem parte da vida de todos nós. Mas, para quem morava nos barracos sobre palafitas, outros medos também estavam bem presentes no dia a dia: a fome, a tempestade, a maré que subia à noite, os ratos que invadiam a casa e atacavam as crianças, a remoção das moradias. Mais recentemente, existe o medo da violência, da bala perdida, das guerras do tráfico, das operações policiais, da morte bruta e sem sentido.

O destaque no Tempo do Medo é o painel produzido por adolescentes, que passaram por um processo de formação no Museu. Este painel é formado por moldes feitos de gesso onde estão impressas as marcas de tiros que atingem as paredes, os muros, os postes e as casas de tantos moradores.

No Museu da Maré, o medo não tem a última palavra. Por isso, a exposição de longa duração *Os Tempos da Maré* termina com o módulo do *Tempo do Futuro*. Neste tempo, passado, presente, futuro se misturam. O que ainda não é, um dia se transformará em realidade. Mas isto só acontecerá se respeitarmos as lutas, as conquistas dos moradores e suas memórias, que resistem ao esquecimento. O futuro é construído a partir do hoje, do trabalho, da coragem, do engajamento, do diálogo e da tolerância. O amanhã está presente em nossa luta diária pela conquista de políticas públicas comprometidas com a proteção da vida. No Museu da Maré o Tempo do futuro já começou e pode ser transformado por meio de nossas ações. Por isso, este último módulo é reservado às exposições temporárias. As parcerias e projetos que o Museu desenvolve possibilitam a instalação de nova exposição a cada período, propondo instalações e ambientações criativas e questionadoras sobre temas variados, alterando constantemente o módulo do Tempo do Futuro.

CONCLUSÃO

O Museu da Maré não foi criado para manter as pessoas em seu *gueto*, cultuando suas lembranças e seus objetos. Sua origem, como já foi dito anteriormente, partiu do desejo das moradoras e dos moradores, que estabeleceram o diálogo com pessoas de vários lugares e com diferentes saberes. Desde seu início, o diálogo, a valorização da diversidade, as trocas de saberes e fazeres alicerçam todas as ações empreendidas pelos agentes sociais que atuam neste espaço. Sua proposta política não se restringe a discutir questões locais, mas estabelece pontes de comunicação com realidades diversas. Este é o motivo do Museu continuar vivo, emocionando e provocando as pessoas, misturando conhecimentos e práticas, e colaborando para a construção de novas perspectivas de transformação social.

Desta forma, finalizo com alguns dos inúmeros depoimentos de visitantes, moradoras e moradores da Maré, mas também pessoas de outros tantos lugares que, independentemente de viverem em favelas ou comunidades populares, se identificam com a histórias locais e se sentem representadas pela narrativa expográfica do Museu e por sua proposta político-museográfica.

Que lugar incrível, fantástico, cheio de histórias, lembranças de lugares por onde andei, infância, amigos, momentos. Belíssima cenografia! Parabéns pelo espaço!

Viajei no tempo, boas lembranças e recordações. Pena que não tenho nada para aumentar esta obra, o que tenho está em minha memória. Sou nascido e criado nesta comunidade, Praia de Inhaúma, antigo estaleiro MacLaren. Filho de Manoel de Souza Martins, um dos fundadores da luz no morro e da caixa d'água.

Adorei a visita! Sensível, delicada, tocante. O museu é construído de tal modo que as memórias são apresentadas não de forma tradicional, mas a partir de uma perspectiva que ilustra as dificuldades, mas também as potencialidades e riquezas da Maré! Parabéns pelo trabalho! Espero que o poder público tenha sensibilidade para preservar este espaço.

Eu nunca havia estado em um museu em que pudesse tocar nas coisas e me tornar parte do espaço. O Museu da Maré não é feito de objetos. O Museu da Maré é feito de gente. Vida longa!

Eu não sabia que aqui na Maré existia um lugar de memórias como esse e, sobretudo pessoas tão engajadas na manutenção da história nossa. Obrigada!

O museu mostrou muito além de histórias, fez com que a gente saiba como foi a história da nossa comunidade, da nossa própria história e como podemos também levar isso pro nosso futuro.

Bom, achei muito interessante e legal porque tudo que tem aqui faz lembrar um pouco das histórias dos meus pais, dos meus avós, dos meus tios... tudo que está aqui é bem diferente, tem coisas aqui que eu nunca vi e agora vou chegar em casa sabendo que eu conheci a história da Maré. Super recomendo. Vou falar pros amigos visitar o museu. Vocês estão de parabéns!

A exposição foi fundamental para a desconstrução de diversos “não-saber” da história da Maré e, no lugar construir histórias de vida, de luta e de resistência.

Nunca pensei que um lugar me lembraria tanto a Bahia como o Rio, mais especificamente este museu na Maré. Um carioca me disse uma vez que existia algo especial na Bahia e no Rio. Hoje, aqui, neste momento, senti uma coisa extraordinária e mágica. Um lugar que foi no meu âmagô, em minha essência e trouxe tudo à tona. Estou apaixonado por esse lugar!

Pra mim, o patrimônio não pode estar em lugar nenhum se antes não estiver dentro da gente. Esse museu é exatamente isso. Me lembrei do cheiro da casa da minha vó à noite, quando vi a lamparina, e da minha mãe brava me dando banho de novo, porque sozinha não limpava direito a sujeira de um dia todo brincando na rua. Vocês me encheram de emoção e esperança. Obrigada.

Uma emocionante viagem em 12 tempos. Em cada um deles uma memória adormecida, acordada num sentimento de emoção e alegria. As lágrimas suscitam o amor, a gratidão e a esperança de que tudo vivido pelo povo é vida que transcende todos os tempos. Que não há passado, nem presente e nem futuro num único momento e para todos. Em todos os lugares, esses tempos se repetem, transitam na vida de cada um.

Um museu rico e belo na sua capacidade de trazer a memória de uma população tão abandonada e desprivilegiada dentro dos discursos tradicionais de cultura, identidade e memória.

Fiquei muito emocionada com o museu e sua forma de contar a história. Vi a história de meus familiares exposta aqui e que eu mesma ignorava ou não pensava ser relevante. Com certeza uma experiência que transformou o modo como eu enxergo a Maré.

Nossa! Aqui no Museu é muito legal. Sobre o que eu vi foi muito maneiro. Parecia que antigamente as pessoas eram mais unidas, parecia que as pessoas viviam na paz. Como eu queria viver nessa época! Nossa! Gostei bastante! Se eu continuar a escrever, vão acabar as folhas do caderno.

Adorei o museu, muito interativo, diferente de todos os que eu já fui. Tenho TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e pra mim é horrível ficar parada sem fazer nada e sem tocar em nada. Foi maravilhoso e incrível a experiência de poder interagir e me conectar de tal forma com a história e a memória da Maré (que até então eu não conhecia). Espero voltar em breve ao Museu, trazendo amigos e família.

Gente, parabéns pela brilhante ideia de criar o Museu, uma grande oportunidade pra voltarmos no tempo, voltar ao passado e relembrar bons tempos em que éramos felizes e não sabíamos. Jogávamos pião, brincávamos de bola de gude sem temer as balas perdidas. Sonhamos com esse dia. Volta, volta, volta dia!!! Dia Feliz!

Visitar o museu da Maré é recordar uma infância feliz, livre da violência, com brincadeiras hoje praticamente extintas. Hoje já não moro mais na Maré, mas trazer meu filho, que já tem 19 anos, e ver em seu rosto a admiração por uma Maré feliz não tem preço, mas sonhamos ver um dia essa Maré feliz das fotos novamente. Museu da Maré, nosso patrimônio, patrimônio do Brasil!

BIBLIOGRAFIA

CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ (CEASM). *A Maré em dados: Censo 2000*. Rio de Janeiro, 2003.

_____. *Instituições do Bairro Maré: dados gerais*. Rio de Janeiro, 2004.

CHAGAS, Mário. “Memória política e política de memória”. In ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; SILVA, Maria Lais Pereira da. *O Morro do Timbau*. Relatório de pesquisa para o HABITAT/ONU. Rio de Janeiro, 1983, mimeo.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. *Maré: a invenção de um bairro*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

VAZ, Lílian Fessler (coord.). *História dos bairros da Maré: espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. *Histórico da Maré*. Rio de Janeiro, CEASM, 1998, mimeo.